

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

INCITAÇÃO AOS CANIBAIS

O atraente parteiro, professor, acadêmico e orador doutor Fernando de Magalhães esteve há dias em São Paulo onde falou sobre o feminismo, deu uma lição de obstetrícia e concedeu uma entrevista.

É essa entrevista que merece ser conhecida. O doutor Fernando fez nela a apologia entusiástica da Sociedade Brasileira de Educação. Sociedade benemérita, sociedade utilíssima, sociedade isto, sociedade aquilo. A prova? Aqui está (palavras textuálissimas): *A biblioteca da Associação — acentuou — é o que há de mais perfeito no gênero, como ordem e como método na sua organização. Uma de suas secções, por exemplo, a biblioteca infantil, exigiu um trabalho enorme de paciência e perspicácia. Necessitou-se de um inquérito entre as crianças para se saber quais os livros preferidos, chegando-se a resultados estupendos. Uma criança de 12 anos, por exemplo, a qual perguntou-se qual o livro preferido, respondeu, prontamente: "Lusiadas" de Camões.*

Ora, ora, ora, ora. Que brincadeira é essa? Então o raio do menino com doze anos de idade já é assim tão imbecilzinho que prefere Camões a Conan Doyle? E é isso que se chama resultado estupendo?

O doutor Fernando quiz troçar com a gente. Não tem que ver. Menino que chupa Camões como se fosse pirolito de abacaxi não é menino: é monstro. Mas que monstro: toda uma coleção teratológica. É também para guris dêsse quilate (e não só para os peraltas) que existe chinelo de sola dura.

Põe a gente triste verificar que um fenómeno assim é como não podia deixar de ser brasileiro. Já no grupo escolar a molecada indígena ouve da boca erudita de seus professores que o Brasil foi descoberto por acaso e Camões é o maior gênio da raça. A molecada cresce certa dessas duas verdades primarciais. Daí o mal

menso: país descoberto por acaso é justo que continue entregue ao acaso dos acontecimentos. Mesmo porque a gente não tem tempo para perder com bobagens: Camões absorve todos os minutos inteligentes.

Esse antropófago que vem desde o nascimento desta terra (há um testamento de bandeirante escrito numa folha manuscrita do *Os Lusíadas*) devorando com delícia as gerações nacionais precisa por sua vez ser deglutido. É urgente pôr boi tão gordo na boca da sucuri brasileira. E que sirva de aperitivo a Sociedade Brasileira de Educação. Para rebater, a sobre-mesa será o doutor Fernando que é manjar doce e fino.

António de Alcântara Machado

O ESTRANGEIRO

Eu encontrei um homem vermelho
Falando uma lingua que eu não sabia...
Pelos seus gestos entendi que ele achava
Minha terra muito bonita.
Apontava p'ra luz do sol muito forte...
P'ras arvores muito verdes...
P'ras aguas muito claras...
P'ro céu muito claro...

Eu tive vontade que ele entendesse a minha fala
P'ra lhe dizer:

— Marinheiro provéa Deus que você fosse
Pelos nossos sertões...
Você via os campos sem fim...
As serras timives todas cheias de matos...
Os rios cheios muito bonitos...
Os rios secos muito bonitos...
Você comia commigo umbuzada gostosa...
O leite com girimum...
Curimatan fresca com mólho de pimenta de cheiro...
Você via como a gente trabalha sol a sol
Esquecido da fome e esquecido das coisas
Bonitas de seus mundos...
Ver como vaqueiro rompe mato fechado
E se lasca perseguindo a rês
Por riba dos lagêdos
Chega os cascos federem a chifre queimado...
Ver o vaqueiro plantá a mão na bassoura da rês
E ela virá mocotó...

— Marinheiro, se você soubesse a minha fala
Eu havéa de levar você p'ro meu sertão...

(Natal).

Jorge Fernandes

ANTROPOFAGIA: "ESPECIE DE AFERRAÇÃO MENTAL, QUANDO SE DÁ NO HOMEM CIVILISADO".

(DR. FREI DOMINGOS VIEIRA—GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ)

LIRICA

A ELETTO SOARES

O meu amor, rapazes,
 é uma lindeza de morena bonita
 das matas de minas gerais!

De dia meu amor vai pro serviço cantando cantando:
 e que friume não me faz por dentro, gente, vel-a cantar
 [assim!

Meu amor é mais alegre que o sol!
 Mais alegre que os côrgos da minha terra!
 Mais alegre que a passarada da minha terra a cantar!

Meu amor disse que gosta muito de mim...
 Eu acredito — palavra! — mas desconfio também
 como bom mineiro que se preza como eu.
 Porém,
 a gente não deve botar a mão no fogo não. Dizem...
 Eu bóto!
 Isto é, eu tóco ãa mão no fogo
 mas deixo outra de reserva...

(Cataguases)

— do "Fructa-de-conde" —

Rosario Fusco

Homisio

Para Raul Bopp

Nesta baiúca
 Coberta de sapé
 Esteve homisiado o Caburé
 Que matou o Zé Juca no valado.
 Passava a passóca
 E mingau de mandiôca,
 Potranca sempre pronta no potreiro
 Do terreiro. Arisco como uma paca,
 Picava fumo com a faca,
 Cuava café no tripé pra beber no coité.

Um cabo escondeu no serrado
 Com um soldado, e com cerrado tiroteio
 — Tiro foi e tiro veiu —
 Deram cabo,
 Cabo e soldado,
 Do costado do coitado.

DOS CANTOS MUNICIPAIS
 (Minas)

Fidelis Florencio

IDILIO

Um reporter modelo de certo jornal paulista, conseguiu sensacional reportagem na cadeia publica. Para lá entrar recorreu a um meio muito simples; boliu com grilos (os mais pelintras, aquêles que usam polainas que foram brancas e luvas furadas na ponta dos dedos) resultando para ele tremenda surra, seguida de alguns dias de cana brava.

Vamos agóra dar a palavra ao exforçado recordista das reportagens sensacionaes:

...e na mansão de dôres Moraes, talvez mais profundas do que as dôres físicas, deparou-se-nos comovedor espetáculo. Formára-se entre as lobregas paredes, entre reixas de ferro e oortas inexoraveis, um dôce e puro idílio. O mais antigo dos presos, que pelo seu comportamento exemplar gosava de uma certa liberdade, apaixonara-se pela mais comportada das detentas. Tinham combinado o casamento, para quando saíssem da prisão, e já escolhido as testemunhas. Todos na cadeia se referiam com simpatia ao projéto. Ela aí fóra ter porque cometera varios infanticídios, triste fruto da época de depravação moral em que vivemos e da falta de proteção em que o governo deixa as jovens incautas que a vida das grandes cidades rodeia de insídias. Ele matara as duas esposas que sucessivamente tivera, a primeira devido a deslizes conjugaes, a segunda por incompatibilidade de genios. Um dos padrinhos cortara a mãe dêle (padrinho) em pedacinhos. Outro era especialista em assassínios de tocaia: matara 20 pessoas em 10 dias, até que a policia resolveu tardiamente — como sempre — cortar-lhe a vocação. Etc...etc....

Continuava por aí afóra o exforçado reporter. Não resta duvida que ele revela um caso de consequencias inquietantes para almas sensiveis, visto aparentarem as futuras solenidades nupciaes, desfecho possivelmente antropofágico.

Yan de Almeida Prado

ÊSTE MÊS:

LARANJA DA CHINA

DE

Antônio de Alcântara Machado

E

MACUNAÍMA

(HISTÓRIA)

DE

Mario de Andrade

ENTRADA DE "MACUNAÍMA"

MARIO DE ANDRADE

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Urari-coera que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!

E não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca trepado no girau de paixúba espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de sativa. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro Macunaíma dançava pra ganhar vintem. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos guaiamuns diz que habitando a água-doce por lá. No mocambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúia a poracê o torê a cucuicogue, todas essas dansas religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no macurú pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia falando palavras-feias imoralidades estrambolicas e dava patadas no ar. Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto era sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam, muito simpatisadas falando que "espinho que pinica, de pequeno já trez ponta" e numa page-lança Rei Nagô fez um discurso e avisou que Macunaíma era muito inteligente.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo

dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu pra ela, que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu pra nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará.

cunaíma pediu um pedaço de curauá pro mano porém Jiguê falou que aquilo não era brinquedo de criança. Macunaíma principiou chorando outra vez e a noite ficou bem difícil de passar pra todos.

No outro dia Jiguê levantou cedo pra fazer armadilha e enxergando o menino tristonho falou:

— Bom-dia, coraçãozinho dos outros. Porém Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

— Não quer falar comigo, é?

— Estou de mal.

— Por causa?

Então Macunaíma pediu fibra de curauá. Jiguê olhou pra ele com odio e mendou a companheira atranjar fio pro menino. A moça fez. Macunaíma agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra ele e assoprasse bem nela fumaça de petum.

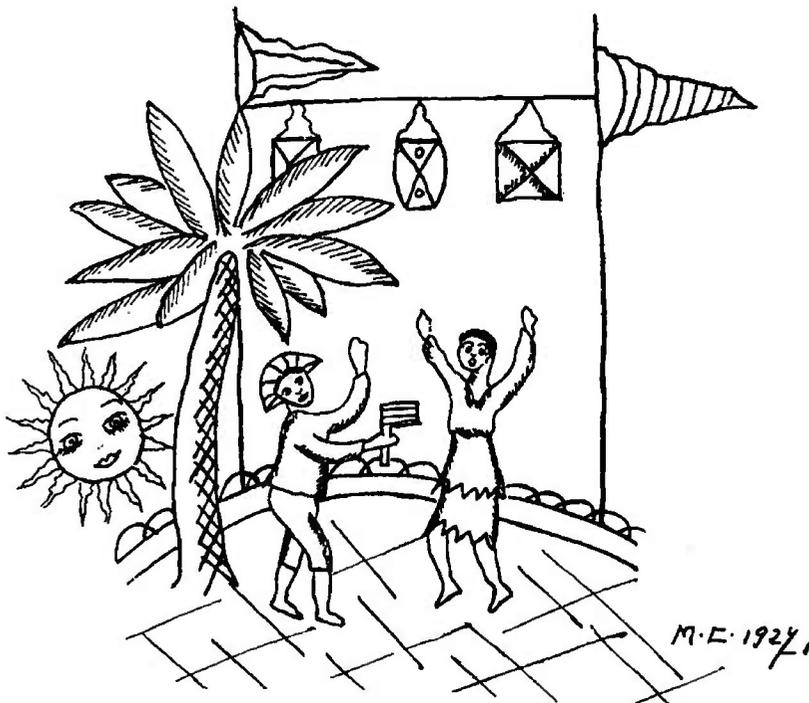
Quando tudo estava pronto Macunaíma pediu pra mãe que deixasse o cachiri fermentando e levasse ele no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jiguê mui sonsa falou pra sogra que "estava ás ordens". E foi no mato com o piá nas costas.

Quando o botou nos carurús e sororocas da serrapilheira o pequeno foi crescendo e virou príncipe. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincar e foi no bebedouro da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava também de prender a armadilha no rasto da anta. A companheira não trabalhara nada. Jiguê ficou furo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito. Mas Sofará aguentou a coça com paciência.

No outro dia a arraiada inda estava acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um huê medonho, que fosse! que fossem no bebedouro buscar a bicha que ele caçara!... Porém ninguém não acreditou e todos principiam o trabalho do dia.

Macunaíma ficou muito contrariado e pediu pra Sofará que desse uma chegada no bebedouro só pra ver. A moça fez e voltou falando pra todos que de fato estava no laço uma anta muito grande já morta. Toda a tribo foi buscar a bicha, matutando na inteligencia do curumim. Quando Jiguê chegou com a corda de curauá vazia encontrou todos tratando da caça. Ajudou. E quando foi pra repartir não deu nem um pedaço da carne pra Macunaíma, só tripas. O herói jurou vingança.

Etc.



Desenho de MARIA CLEMENCIA — (Buenos Aires)

Foi se aproximando ressabiada porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. A água parara pra inventar um ponteio de gôso nas folhas do javari. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato. A moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas e trapoerabas da serrapilheira ele botou corpo num atimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.

Quando voltaram pra maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela... Nem bem deitou Macunaíma na rede Jiguê já chegava de pescar de puçá e a companheira não trabalhara nada. Jiguê enquisilou e depois de catar os carrapatos deu nela muito. Sofará aguentou a sova sem falar ni isto.

Jiguê não desconfiou de nada e começou trançando corda com fibra de curauá. Não vê que encontrara rasto fresco de anta e queria pegar o bicho na armadilha. Ma-

UM POETA

Cassiano Ricardo — MARTIM CERERÊ — S. Paulo — 1928.

Martim Cererê não é livro inteiramente novo. Há nêle várias poesias do *Vamos caçar papagaios* (com uma ou outra modificação ligeira) e outras cujos temas já foram explorados pelo próprio poeta em seus livros anteriores. O mesmo acontece com certas imagens e certos achados verbais.

Isso mostra que Cassiano continua batendo na tecla Brasil. Permanece o poeta do descobrimento e da colonização sobretudo. Poeta oratório (o que denuncia sua brasilidade), e descritivo. Quando oratório ou quando descritivo sempre fortemente eloquente.

O caso de Cassiano Ricardo é um caso à parte na nossa literatura actual. Cassiano até 1925 foi inimigo violento da reacção moderna. Depois (era fatal) se converteu. Houve nisso um missionário irresistível: o Brasil. Se o movimento moderno entre nós não tivesse assumido também uma feição nacionalista acredito que Cassiano continuasse inimigo dêle. No *Martim*

Cererê a gente verifica isso facilmente: do espírito moderno que é universal o poeta aceita pouca cousa. Mas o tema Brasil do modernismo o seduz.

Por causa dêle chegou a romper com o seu próprio passado literário. Na lista de suas obras publicadas contante do livro de agora não figuram *A fruta de Pan*, *Jardim das Hespérides* e os outros dois volumes anteriores a 1925. Esse repúdio aliás não tem razão de ser. E constitue uma injustiça: *A fruta de Pan* principalmente tem versos que são dos melhores do parnasianismo brasileiro.

Pelo que já ficou dito lá no princípio é evidente a impossibilidade de criticar *Martim Cererê* sem repetir uma a uma as críticas (elogios e reparos) que já mereceram abundantemente *Borrões de verde e amarelo* e *Vamos caçar papagaios*.

Eu que mesmo nos novos sempre procuro o novo, o que é novo na novidade dêles, me contento em reproduzir aqui

êste ótimo poeminha chamado *Lua cheia* n. 1:

*Boião de leite
que a noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.*

*Mas que embora levado
muito de vagarinho
vai derramando pingos brancos
pelo caminho...*

Gosto tanto dessa gostozura que ousou pedir a Cassiano que não se esqueça de molhar seus livros futuros nêsse mesmo leite gorduroso e cheiroso. Puro lirismo sem água.

Martim Cererê foi impresso com bastante cuidado. Além disso tem bonitas ilustrações de Di Cavalcanti. Algumas mais que bonitas até: a da capa; a da página 19 e outras.

A. DE A. M.

BRAZIL

A tarde é uma rede vermelha e mole
E os nervos da gente esticados como cordas de violão
Vibram no fluido de voluptia que garôa devagarzinho
Das bandas meio escuras de onde o sol nasce...
Uma mariçopa começa a enlouquecer.
(de quem será que eu tenho tanta sodade.)
Chora... Ser homem! Não, homem não chora, não!
... a jaboticabeira se estorce
Ainda não arranjou posição pra dormir...
(a vida...)
Aquele mato deve estar cheinho de lobizome...
Derepente o primeiro apito da coruja!
Imobilidade.
(a gente suspira e pensa no destino...)
Silencio.
Misterio;
Os fantasmas vestidos de luar dansam...
Nossa Senhora, que medo!

(Paraná)

MATINAL

Eu abri a janella
a respirei fundamente a frialdade
da manhã.
Sob risadas de sinos,
a cidade brincava de esconder
dentro da névoa.

(RIO DE JANEIRO)

MARQUES REBELLO

MADRUGADA

Do livro "Colonia Z e outros poemas"

A lancha da lenha vem chegando, ainda escuro,
mansa, com a sua tósse miúda de gasolina
e o seu motorzinho fumegando na popa.

Vem vindo na volta do rio.

Para traz, os matos cochílam na nevoa da madrugada
onde escorre a aza negra dos biguás.

Um silvo claro demora no ar.
Chegou.

A lenha veio coberta de folhas verdes, palmas, bambûs,
e a lancha parou, em silencio, no meio do rio,
pequenina, esmagada, como uma formiga orgulhosa.

(Porto Alegre)

Ruy Cirne Lima

La gracia del amor puro

Hoy nuestras cabezas están amparadas
por la sonrisa larga de los pescadores
y el misterio de las guitarras
trémulas
en la fina oración de las manos.

Tres marineros nos dan
la alegría de sus ojos azules
para la victoria audaz
de tu amor y el mio!

La frente de un violinista borracho
sostiene la inquietud de canciones
soñadas en el cielo de tu alma.

Las copas e esta noche
tienen el alto destino de los sueños!

Que lámpara le robaré al mar
para la gracia del amor nocturno?

Dame, compañera mia,
la fuerza de tu boca
que hace sonar la campana
de nuestras esperanzas!

(Montevideo)

NICOLÁS FUSCO SANSONE

FIM DA LINHA

Esse arrabalde chora. Cada casa é um leproso implorando a água, do céu. Bibócas immundas, ranchinhos com cercas e paredes de lata velha, remendados a trapos, empastados de barro secco. Buracos — ventiladores naturaes. Mas ha o conforto primitivo da liberdade.

Ao fundo, o morro vermelho engole tudo na guela do barranco.

Gira e vira a hesitação sentimental de um catavento que me faz recordar o Marcello. Gama.

Sobre uma cerca a impertinencia amarella dos girasóes dourando tudo.

Olha o negrinho! Estuda a paisagem. Riscou as canellas finas por causa das motucas.

Currú páque pá páque.

Anda a roda, criolinho.

Mulatas lavam roupa semeando no arroio nuvensinhas de sabão.

Quando a gente vence a lomba, rola uma chuva de seixos pela estrada e elles cahem lá em baixo na lagôa morta com um mergulho, nocturno: glu glu glu.

Longe, nos aramaes, roupa lavada acena: adeus... adeus...

Do livro "GATINHA DE BOCA"

Porto Alegre

AUGUSTO MEYER

SERENATA

Alguem anda soltando a lua como um balão cor de rosa lá nas ilhas fronteiras. Evem a lua. Cae balão! Não cae. A lua vae passear no céu. O Guahyba, oleoso, escuro, espera que a lua suba mais para imitá-la, invejando. Sobre o veleiro adormecido, um fanal sangra. Voz encachada arranha a noite:

Meu amô, meu triste amô

Que jáááá morreu...

Serenata. Flauta, cavaquinho, violão.

Vem crescendo, tremelicando emoções tremulas nas cordas, bambeando compassos bambos no violão, bebendo na flauta um gole puro e melodioso.

Alma dengosa da cidade, melancolia mestiça, geme na rua a queixa dolente, demdom.

A lua escuta, immovel. Parece uma lanterna do cordão "Chora na esquina".

BREVEMENTE :

REPUBLICA

DOS

ESTADOS

UNIDOS

DO

BRASIL

-

VERSOS

DE

MENOTTI

DEL

PICCMIA

EM TODAS AS LIVRARIAS:

Martim - Cererê

VERSOS

DE

Cassiano Ricardo

ESTÁ NO PRELO:

Antologia de 4 poetas mineiros

JOÃO ALPHONSUS

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

EMILIO MOURA

PEDRO NAVA

BELO-HORIZONTE - MINAS

PORQUE AMAMOS OS NOSSOS FILHOS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ignacinho veio pedir-me uma victrola como presente do seu proximo anniversario. Os ultimos acontecimentos não são de molde a justificar essa pretensão do meu querido filho e companheiro. Presentes de anniversario dão-se a meninos bem comportados, que não trocam as aulas pelo futebol, nem as vigílias do estudo pelas do cinema. Ora Ignacinho tem sido justamente o contrario desse typo de joven exemplar, que é muito commum no "Coração" de Edmundo de Amicis e outros livros estrangeiros, mas que infelizmente não parece ter-se dado bem com o clima do Brasil. Como pois solicitar-me festas?

E dahi Ignacinho não é mais uma creança. Membro do conselho fiscal do Centro dos Preparatorianos e collaborador das paginas de annuncio (as unicas que prestam) do "Fonfon" e do "Para Todos", elle adquiriu já uma personalidade social e litteraria que não se coaduna com as calças curtas nem com as regalias conferidas aos frangotes de 13 annos. Rapazinho de calça comprida não tem direito a mimos infantis. Socio do Centro dos Preparatorianos também não tem. Poeta ou prosador ainda que incipiente, também não.

Fiz ver todas essas coisas a Ignacinho. Sem ferocidade, palavra. Minha intenção era feril-o no seu orgulhosinho pubere, de modo que elle renunciasse ostensivamente á victrola, poupando-me a dor de recusal-a. Eu sou feito do mesmo barro de que se fazem todos os paes, e ás vezes meu coração amolece nos momentos mais serios. Em minha consciencia achava que Ignacinho não tinha direito á machiña falante. Mas e coragem para dizel-o?

Ignacinho, achando futeis as minhas razões, reforçou o pedido com a promessa de dois bellissimos exames parcellados no Gymnasio. Era victrola para lá, exames para cá. Si eu fechasse o negocio, elle capricharia nas escriptas e se excederia nas oraes. Adverti-lhe de que não faria mais do que a sua estricta obrigação, prestando bons exames das humanidades (elle diz "deshumanidades") que si não estudára, devia ter estudado a fundo.

Mas intimamente, e sem calculo, eu já tinha cedido um pouco.

Ignacinho prometeu mais. Prometeu optimo comportamento durante as ferias, e infatigavel applicação durante o proximo anno lectivo. Em todos os futuros annos

lectivos. Na Faculdade de Medicina, até o 6.º anno, seria o modelo dos candidatos a morticola. E na vida pratica — Ignacinho nesse momento chegou a pensar na vida pratica — seria o morticola mais brilhante da sua geração, do seu paiz, do seu continente, do mundo. E tudo isso por um preço tão pequeno! O preço de uma victrola Decca, das menores...

Antes que o rapaz me promettesse maiores absurdos, eu, desarmado, fiz como Capablanca: entreguei-lhe os pontos. Mas frisei bem: não contasse commigo na hora de comprar os discos.

O capetinha deu uma gargalhada e confessou, cynico:

— Não precisa não, papac. Os discos eu já tenho. Mamãe me deu. Eu falei com ella que o sr. tinha me dado a victrola...

Astucia, teimosia e senso commercial da alma infantil! Ignacinho explorou-me duplamente, é certo, pois pelo menos aqui no sertão, quem paga os presentes da mulher é o marido. Mas não são essas pequeninas coisas que nos fazem amar os nossos queridos filhos?

(Bello Horizonte)

A LINGUA TUPY

No meu ultimo artigo falei, em relação á lingua tupy, do que poderemos chamar as analogias sensoriaes, que são todo um mecanismo ampliador do processo onomatopáico, que assignala o periodo creador da linguagem, o primeiro commercio entre os cinco sentidos e os mundos objectivo e subjectivo.

A formação da linguagem é, na verdade, um complexo de actos fixados de posse. Linguagem é apprehensão e determinação de phenomenos. Na variedade das circumstancias.

Da synthese interjectiva o espirito agudo da emoção retornou ao exame minucioso dos factores do conjuncto emocional. A onomatopéa creou os grandes pontos de referencia, os elementos primordiais das expressões directas. A intercorrespondencia dos sentidos nuançou essas expressões. Impressões auditivas e visuaes, olfactivas, palataes e tactivas, controverteram-se, cambiaram-se, ajustaram-se na entrosagem dos instinctos enriquecidos de experiencias. E a expressão objectiva multiplicou-se, prismando-se de acepções.

Vimos, no ultimo artigo, que todas ás cousas duras, resistentes, são expressas pela consonancia *t*; e que as cousas extremas, as pontas e as superficies, traduzem-se na linguagem nascente dos nossos indios pela consonancia *p*. E, a seguir, desenrolámos todas as consequencias desse facto. Entre os curiosos resultados do processo formador da linguagem, encontramos a consonancia *p*, que significa ponta, extremidade, como designativa de baixo, rasteiro. A aza do passaro, que attinge as grandes alturas é *pepó*, e as cousas chatas, que se confundem com o chão, se designam por *pe,peua,peba*. Porque o raciocinio seguiu este caminho: Extremidade quer dizer limite; limite determina superficie; superficie significa revestimento; revestimento é conjuncto de planos. Portanto; planice, chateza das cousas que com ella se confundem...

Vastissimo campo offerece este assumpto para estudos curiosos. Estas notas são apenas uma indicação de rumo para a apreção da lingua dos povos primitivos, que temos, tão á mão, no Brasil. Agora, si passarmos das analogias das impressões para a analogia das emoções, e depois, até do raciocinio, indo sempre do mais simples para o mais complexo, as observações serão

mais curiosas. Finalmente, transportando-nos desses phenomenos que mais se referem á etymologia, aos da construcção das phrases, iremos encontrar na syntaxe primitiva dos aborigenes cabedades interessantissimas para a pesquisa da formação dos idiomas troncos.

Estes apontamentos, quero repetir, não são orientados por nenhum methodo, nem seguem uma ordem rigorosa. São registados, apenas, de memoria, sem a presença perniciososa dos livros e autores absorventes. Têm elles um caracter exclusivamente pessoal, de observações e conclusões proprias, e si no artigo anterior occorreram alguns nomes, de autores, foram reminiscencias casuaes de leituras antigas, que de certa forma se ligam á materia. Por outro lado, estas observações devem ser tomadas com as necessarias restricções, pois são apenas illustrações para orientar pesquisas talvez mais felizes de gente mais competente.

Vejam algumas curiosidades. O valor das vogaes, por exemplo. Tenho que o phonema *a*, aberto ou atono, significa sempre proximidade e claridade. O dia é *ara*.

O phonema *u* exprime distancia. As cousas distantes são pretas ou azues, portanto, *u* significa também essas côres. Donde temos *ua*. A noite é *petuna*, ou *pechtuna*, ou *pichtuna*, que quer dizer véo, ou pelle preta.

Porque buraco ou cousa ôca é *qua*? É possivel que pelo seguinte: onde vae a consonancia *q*, trata-se de cousa meúda, pequena. Qui, é grão, é piolho, e quando leva a desinencia frequentativa *re-re*, já se sabe que é cousa meúda, em quantidade; quíera. Mas, o que é um buraco, sinão um espago pequeno, em relação aos espaços em liberdade? Portanto, deveria ser *qui*. Mas a vogal *i* significa mais cousa fina, subtil. Um páo ou pedra perfurados deixam, entretanto, entrar pelo orificio o ar e a luz, donde vem *quá*. Porque onde vae o *a* vae a luz.

Perguntaremos: porque ave, passaro, é também *ara*? *Ara* é o dia, o conjuncto das côres; *ôra*, os passaros trazem nas suas pennas, também todas as côres. Por isso o passaro é o dia. E o dia é o grande passaro das sete côres...

O nosso bicho tatu (é uma hypothese apenas) pôde ser que tenha o seu nome

originado da circumstancia de entrar no buraco e tapar a entrada da luz. Como se sabe, a consonancia *t* exprime resistencia, cousa dura.

Vimos, no ultimo artigo, que fogo é *tatá*, e a nossa hypothese foi a de que assim se exprime o elemento igneo, pela circumstancia de nascer o fogo do atrito das cousas duras. Mas o fogo é luz, claridade, por isso a consonancia *t* liga-se ao phonema *a*.

No tocante ás analogias psychologicas, encontramos interessante material, que demonstra a intima comunhão cosmica dos homens primitivos. A lua, por exemplo, é *Jacy*. E *Jacy* também quer dizer tristeza. E que é a tristeza sinão um luar da alma?

Mas, temos ainda *caruca*, que é tarde. Vem, provavelmente, de *caa*, matto, e *oc*, ou *uc*, morar. O *r* é evidentemente euphonico. A tarde é, portanto, *a que móra no matto*. E, na verdade, mesmo quando o sol é mais intenso, ha sempre debaixo das cópas intrancadas da floresta, a sombra que se estende pelas raizes. Quando o sol se põe, a sombra sãe devagarinho do matto, e vae se escorregando, extendendo-se dominando a paizagem. É a que móra no matto: *caruca*. Algumas horas depois, quando brilham as *ciatás* (estrellas, mães do fogo), a *caruca* se transforma em *petuna* que é o véo negro da noite.

Aracy é a mãe do dia, ou a aurora. É a mãe porque do seu clarão é que nasce o sol. Neste ponto a mythologia tupy se confunde com a mythologia grega.

Entre as palavras mais lindas dos nossos indios, está, certamente o *nheengare*. *Nhem* é fala, falar. *Nhengatú*, lingua boa; *nhegahyba*, lingua ruim, fala ruim. *Gare* é correr. Como se vê em *igara* (i, agua; *gare*, correr), que significa canôa, etc. Pois *nhegare* quer dizer *canto*, *cantiga*, ou seja a fala, a palavra que corre.

Nhegareçãua é um canto colectivo. *Nheengassú* é uma fala grande, um discurso.

Muitos outros exemplos interessantes poderiam ainda ser aqui lembrados. A urgencia de entregar estas laudas improvisadas á nossa "Revista de Antropophagia" não me permitem continuar muito. E, por isso mesmo, por ser escripto á ultima hora, o artigo perdeu em methodo, em construcção: mas com isso ganhou por ter ficado menos pretencioso...

Plínio Salgado

BRASILIANAII
IDEAL

De uma entrevista da actriz Margarida Max para o *Para todos* do Rio, n. de 20.8.27:

"O meu ideal é ter o applauso das familias."

COMÉRCIO

Telegrama de Fortaleza para a *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 11.2.928:

"As padarias que se encontravam em greve acabaram com essa situação. Mas prometteram que se forem multadas novamente, por qualquer motivo, mesmo que seja fraude no peso do pão, voltarão a fechar os estabelecimentos."

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Declaração na secção livre do *Jornal do Commercio* de S. Paulo, n. de 16.9.924:

"No dia 15 de Setembro de 1924, ás 9,15 horas da manhã, encontrando-se, na praça Dr. João Mendes n. 6, lugar esse onde o Sr. Ezequiel Martins trabalhava, sendo até aquella data vendedor do Café Assembléa.

Encontrou um senhor que se chama Paulo Morganti que é um dos proprietarios, com muita exigencia relativamente a uma pequena quantia em que se achava atrozado. O dito reclamante (e dito por ele atrozado), o Ezequiel quiz lhe pagar o dinheiro que tinha recebido da respectiva freguezia, não querendo o Sr. Paulo Morganti recebê-lo. Ficou por isso muito nervoso, pegando nos talões de recibo e jogando-os ao rosto de Ezequiel Martins. Ezequiel Martins vendo que eram arremessados os talões na propria cara, faz ver ao commercio em geral que nada fica devendo aos ditos senhores sob pena da lei.

Eu que o fiz e que o escrevo, e por falta de tinta, no lugar onde me acho, pedi para um amigo, por muito favor, para me deixar reconhecer minha tão digna firma, sendo isto publicado no dignissimo "Jornal do Commercio". (a) Ezequiel Martins."

FESTA NACIONAL

Circular da *Sociedade Beneficente "Amigos da Patria"* de S. Paulo distribuída este ano:

"Desejando fazer as festas nacionaes de 13 de Maio como nos annos anteriores que constará:

A comissão sahirá da séde social ás 8 horas da noite com o seu estandarte de honra e bandeiras de diversas nacionalidades acompanhadas pela banda Musical "S. A. Silex" que percorrerá as ruas centras, cumprimentando as autoridades e a imprensa; em seguida irá para o salão da Rua Barão de Paranapiacaba N. 4, onde haverá sessão solemne e a conferencia feita por um benemerito; em seguida haverá leilão de prendas. Terminará com um animado baile que se prolongará até ao romper da aurora, e cujo baile é por pedido de socias.

Offerece-se um convite a todos que auxiliarem. — O Presidente-Fundador (a) Salvador Luiz de Paula."

ORATÓRIA

Convite para uma conferência realizada em S. Paulo: "ENTRADA

Programma a escolher

- 1.º Trabalhar é viver
 - 2.º Impressões da Amazonia
 - 3.º Preta casou com branco e vice versa...
 - 4.º Saber fazer...? Saber amar...? Saber viver...?
 - 5.º S. Paulo e o seu progresso
 - 6.º Os burros tambem fallam...
- Dia — 30 Outubro 1927
Salão — Associação 15 Novembro 22
Horas — 15,16 h.

(a) LUIZ LEITE

"ETHER" será o titulo de uma produção literaria que de futuro terei de escrever em S. Paulo.

"rofooo."

BAHIA

ASCENSO FERREIRA

Bahia — Vatapá!
Bahia — Carurú!
Bahia — Acaçá!
Bahia — Oxinxin!

— Abará!
— Acaragé!
— Efó!
— Carurú!

Brasil de besteiras,
Brasil travesti,
Brasil camouflé,
Te damna Brasil!

Te damna Petit-pois!
Te damna Macarrão!
Te damna paté-de-foie-gras!
Viva o Carurú!

YOYO!
YAYA!

Eu quero é virar bahiano!
Eu comi hoje a alma bahiana, na mesa lauta da prêta Eva!
Por isso sinto em mim graves tendencias de orador!
Olhem, ou vou até fazer um discurso!
La vai tempo:

Meus senhores!
Recife tem pontes,
Recife é bonito,
Tem "Bois", tem Reisados,
Tem Maracatús...

Porém o Recife
Não tem mais as Évas
De chales vistosos,
Vendendo de tarde
— Peixe frito,
— Agulha frita,
— Siry cosinhado,
— Pirão de Aratú!

Emquanto a Bahia
Tem tudo e inda mais:
Tem 365 Igrejas!
— As mais lindas Igrejas do Brasil!

E tem

— Vatapá!
— Oxinxin!
— Efó!
— Carurú!

Viva a Bahia!
— Canudos da tradição do meu Brasil!

(Recife)

S. O. S.

A REVISTA DA ANTROPOFAGIA já tem para publicar em seus próximos números nada mais nada menos do que 37 poesias: não possui um único trechinho em prosa.

Ela dirige assim aos novos do Brasil este radiograma desesperado.:

S. O. S. SOCORRO. ESTAMOS NAUFRAGANDO NO AMAZONAS DA POESIA. MANDEM URGENTE PROSA SALVADORA.

A. DE A. M.
R. B.